

Editorial

AO MESMO TEMPO que somos surpreendidos por recorrentes avanços tecnológicos e consequentes aprimoramentos dos processos comunicacionais, temos também um conjunto de reflexões sendo constantemente geradas por esses fenômenos. De certa maneira, isso determina um repositório de referências e instrumentos teóricos que acabam sendo mais longevos que os próprios fenômenos, tornando-se passíveis de serem resgatados e mobilizados diante de cada novo cenário que se desenha.

Essa premissa justifica a escolha dos editores de abrir o **Dossiê** desta edição de MATRIZes com o texto **Pensamento socialista em ruínas. O que podemos esperar?**, originalmente redigido por Edgar Morin há quase 30 anos. O autor parte da proposição de que o significado do socialismo estava fragilizado naquele momento histórico, exigindo a revisão de suas aspirações mais fundamentais para manter viva a esperança em uma sociedade melhor. Tal reflexão se mantém urgente nos dias atuais, considerando que as mesmas crises apontadas pelo autor naquele momento – originadas pela crença em uma racionalidade técnica vendida à ilusão de um progresso desenfreado – têm a sua complexidade crescentemente acentuada. Essa complexidade é exemplificada e explorada no texto seguinte, quando a autora José van Dijck, em **Ver a floresta por suas árvores: visualizando plataformização e sua governança**, constrói um minucioso mapeamento da estrutura das plataformas digitais por intermédio da metáfora de uma árvore. Observando o funcionamento dessas plataformas a partir de um arranjo de elementos que se assemelha à articulação entre raiz, tronco e ramos arborais, van Dijck evidencia o jogo de relações que sustenta esse cenário de plataformização, permitindo vislumbrar possibilidades de

se pensar políticas para remodelar esse ecossistema a partir de interesses voltados para o bem comum da sociedade.

Dando seguimento ao dossiê, no artigo **O que é glocal? Sistematização conceitual e novas considerações teóricas sobre a mais importante invenção tecnocultural da civilização midiática**, Eugênio Rondini Trivinho explora os sentidos possíveis para o termo em questão. Observando essa mescla entre *global* e *local*, promovida pela ação das formas comunicacionais sobre as noções de espaço e tempo, Trivinho desenvolve sua argumentação a partir de uma sistematização de diversas implicações da *glocalização* como um fenômeno reconfigurador das práticas sociais. O artigo seguinte, **Construindo a teoria da comunicação a partir da cibersemiótica**, de Carlos Vidales, propõe observar a comunicação a partir de sua transdisciplinaridade, o que, segundo o autor, permite constituir uma base comum para sua conceituação em oposição à dualidade das visões humanistas e mecanicistas para seu enquadramento teórico.

Por fim, o artigo **Deleuze e Merleau-Ponty: o cinema em seu renascimento continuado**, de Júlio Bezerra, tem o objetivo de construir uma aproximação entre esses importantes e influentes autores. Segundo Bezerra, Gilles Deleuze e Maurice Merleau-Ponty são comumente vistos em oposição quanto às suas contribuições para a reflexão sobre o cinema. Sua proposta de realizar este entrecruzamento, que o próprio autor declara ser arriscada, deve ser considerada como portadora de um certo ineditismo, encerrando este dossiê que busca justamente apresentar novas perspectivas para os estudos da comunicação.

A **Entrevista** intitulada **Da iconofagia à ecologia da comunicação – as imagens e o corpo na comunicação e na cultura** traz Norval Baitello Junior em conversa com Luciano Guimarães e Leão Serva, evocando a necessidade de promover uma ecologia da comunicação. Norval conta como tem desenvolvido seus estudos sobre imagem e corpo na comunicação, em método arqueológico e interdisciplinar, com base tanto na filogênese quanto na ontogênese da comunicação, que culminam em teorias que relacionam as Ciências da Comunicação, Teorias da Mídia e Teoria da Imagem. Parece-nos que o texto de Edgar Morin publicado nesta edição de MATRIZes e as proposições de Norval Baitello Junior, apresentadas na **Entrevista**, caminham na mesma direção: a denúncia de um crescimento da irracionalidade e a defesa de um projeto político antropossocial e de uma ecologia da ação (Morin) ou ecologia da comunicação (Baitello).


Dando início à seção **Em Pauta**, Samuel Mateus, no artigo **Mediatização da memória**, problematiza a expansão da memória no espaço virtual, notando que as infraestruturas de difusão e aceleração podem fragilizar sua função de constituir laços sociais. Em seguida, o texto **Dos meios às mediações (algorítmicas)**:

mediação, recepção e consumo em plataformas digitais, de Kérley Winkes e Raquel Ritter Longhi, propõe a construção de um *Mapa do Sistema de Mediações Algorítmicas*, ao modo de Jesús Martín-Barbero, a fim de aproximar o contexto algorítmico aos instrumentos teóricos dos Estudos Culturais.

Já Guilherme Oliveira Curi e Veneza Mayora Ronsini, no texto **Reconhecimento e redistribuição nas mídias digitais do Projeto Común Tierra**, analisam como um projeto de documentação de comunidades sustentáveis pela América Latina pode ser entendido como um processo comunicacional comunitário, assumindo um caráter pedagógico para a divulgação de práticas ecológicas. Essa forma de análise atenta, elaborada a partir de um objeto empírico muito bem delineado, é também realizada nos três textos seguintes da seção. Em **A vacina em dois jornais brasileiros antes e depois da covid-19**, Luisa Massarani e Luiz Felipe Fernandes Neves discutem como a cobertura da pandemia da covid-19 passou de um jornalismo de serviço para um jornalismo científico, ressaltando os modos como a ciência pode ser atravessada por aspectos políticos, econômicos e ideológicos. Sandra Fischer e Aline Vaz, no texto **Imagens de Amor de Mãe: quadriculamentos e escapatórias**, analisam a imagética da telenovela em referência, a partir de um exame das dimensões simbólicas que os enquadramentos e esquadrinhamentos de cenas são capazes de articular para seus personagens em tela.

Perante o rosto violado: o mugshot de Bophana e a tragédia do Camboja, de Ricardo Lessa Filho e Frederico Vieira, é um sensível texto que discute sobre como um frágil e pequeno retrato, que se desdobra em um documentário, evidencia a potência política das imagens, sobretudo quando elas podem ser consideradas vestígios de uma violência perpetrada pelo poder. A seção é finalizada com o artigo **A participação como compromisso organizacional na TV pública**, de Daniele Ferreira Seridório, Danilo Rothberg e Octavio Penna Pieranti, que apresenta um panorama sobre o uso dos mecanismos de participação da sociedade nas instâncias de gestão e produção editorial de emissoras públicas brasileiras.

Encerrando esta edição de MATRIZES, temos a **Resenha** de Leticia Xavier de Lemos Capanema, intitulada **Práxis da análise televisiva em quatro eixos teórico-metodológicos**, que se debruça sobre o livro *Análise da Ficção Televisiva: Metodologias e Práticas*, organizado por Simone Rocha e Rogério Ferraraz.

Agradecemos o interesse na leitura desta nova edição, com a expectativa de que, mais uma vez, a MATRIZES possa contribuir para os importantes debates de nossa área. 

Luciano Guimarães
Wagner Souza e Silva

E

O Comitê Editorial

Ana Carolina Damboriarena Escosteguy, UFSM

Isabel Ferin Cunha, UNL

Luciano Guimarães, USP

Maria Immacolata Vassallo de Lopes, USP

Maria Ignês Carlos Magno, UAM

Raúl Fuentes Navarro, ITESO

Richard Romancini, USP

Roseli Figaro, USP

Wagner Souza e Silva, USP

